

168 ÍNDIOS MORRERAM

Malária é maior drama vivido pelos ianomamis

Texto e Fotos de Orlando Farias

BOA VISTA — A malária continua devastando os 9 mil índios Yanomamis, em Roraima, como consequência direta da invasão de garimpeiros ao seu território de 9,5 milhões de hectares. A constatação foi tirada anteontem em apenas uma das aldeias da reserva, em Surucucus, fronteira de Roraima com Venezuela — por deputados federais da CPI da Amazônia, oficiais das Forças Armadas e jornalistas.

Em uma semana, revelou o médico da Fundação Nacional da Saúde, em Surucucus, o mineiro Sérgio Carvalho, 33 anos, surgiram 15 casos de malária entre os 4.005 índios que habitam a parte leste de Roraima. Um estudo da Fundação Nacional de Saúde revelou que de julho de 87 a janeiro de 90, 959 Yanomamis tiveram malária, correspondendo a 14,9% da população enquanto 168 índios morreram em consequência da doença.

Anêmicos e esquilados os índios encontrados sob cuidados médicos no posto da aldeia — muitos deles necessitando de transferência para os hospitais da capital, mas quase sempre desautorizada pelas famílias ou pelo próprio tuchaua Yanomami.

Garimpeiros — Em Surucucus os deputados da CPI constataram que praticamente desapareceu a presença garimpeira no território por força da Operação Selva Livre da Polícia Federal com Funai. Há indícios por vários outros pontos da reserva da extração de ouro ilegal. Do alto do Búfalo que conduziu a comitiva no trajeto de 900 quilômetros — Boa Vista/Surucucus/São Gabriel da Cachoeira — puderam ser observadas pelo menos 10 pequenas aberturas na floresta densa que não podem ser chamadas de aeroporto, mas são exatamente onde os aproximadamente 200 aviões piratas pousam e decolam todos os dias.

A existência dessas pistas, para o comandante do VII Comar, tenente-brigadeiro-



A ianomami expõe na pista do aeroporto o drama do seu povo

do-ar Antônio Toledo Lobato, confirma que os garimpeiros permanecem dentro da reserva Yanomami. Eles agora estão mais sutis — embrenha-se dentro da mata virgem em pequenos grupos e assim não são detectados pelas autoridades". O presidente da CPI da Amazônia, deputado federal Atila Lins (PFL/AM), considera que tais pistas es-

timulam eventuais atividades ilegais das missões religiosas. "Se elas não são investigadas, é claro que se os seus propósitos não são sérios, elas têm tudo para trabalhar contra a soberania nacional e até se envolver na pesquisa e extração de minérios, conforme denúncia que recebemos na CPI".

Influência de dom Aldo é ameaçada

BOA VISTA — A influência do bispo de Roraima, dom Aldo Mogiano, cada vez mais crescente nos movimentos sociais da Amazônia e um dos expoentes da ala progressista no país, vem sendo ameaçada há um mês com a chegada no Estado da sua arquirival Igreja Católica Brasileira, uma dissidência de 1949 que diz ter arrebanhado em seus 42 anos de atuação 3 milhões de fiéis.

A expansão da Igreja Católica Brasileira para a Amazônia foi possível com o apoio do governador de Roraima, Ottomar de Souza Pinto. "Ele doou para a igreja um terreno de 800 metros quadrados, onde já começamos a erigir nosso templo", admite o novo bispo de Roraima, dom Sátiro Vilelas, um advogado de 41 anos, bacharelado na UNB, que não esconde a intenção de ir assumin-

do pouco a pouco o espaço político ocupado hoje por dom Algo Mogiano.

Secretário-jurídico da Igreja Brasileira, um dos cargos mais altos da sua hierarquia, Sátiro Vilela era até um mês atrás o bispo-auxiliar de Brasília e nega que tenha sido levado para Roraima por influência direta do governador Ottomar de Souza Pinto, interessado em esvaziar a liderança de dom Aldo na defesa de índios e sem-terra do seu Estado. "Temos relações cordiais e fraternas com o governo. Elas param por aí", atesta Sátiro Vilela, que há um mês vem defendendo pontos de vista semelhantes aos do governador de Roraima.

— "Não somos contra os índios terem terras mas queremos que os fazendeiros, produtores agrícolas e garimpeiros tenham esse direito" — diz o bispo brasileiro, anun-

ciando que a sua igreja iniciará bem breve um trabalho de evangelização das populações indígenas de Roraima, onde a voz do bispo da Igreja Católica Romana, tem grande penetração e é seguida à risca na maioria das aldeias. Vilela não admite que estrangeiro como Dom Mogiano Continuem "explorando politicamente os índios" e inviabilizando o desenvolvimento de regiões importantes da Amazônia".

Desde que chegou a Boa Vista, Dom Vilela vem fazendo insistentes acusações contra a Igreja de Roraima e particularmente contra dom Mogiano que parece conhecê-lo há muitos anos apesar de estar há tão pouco tempo em Roraima. "Sei que Dom Aldo é subversivo e prestou serviço em Governo de Mocambique por informações publicadas pela imprensa".